Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533
Volume 26 | nº 1 | 2021
Artigo recebido em: 22/03/2021
Aprovado em: 21/06/2021

Tiago Amaral Sales
[Universidade Federal de Uberlândia.]

Roberta Paixão Lelis da Silva
[Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).]

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8167-1612

"QUEM DISSE QUE A GENTE NÃO PODE CAIR? QUEM DISSE QUE A GENTE JÁ NÃO CAIU?" SONHANDO E CRIANDO PARAQUEDAS COLORIDOS[1]

Algumas leituras nos (des)inquietam, deslocando o que em nós, até então, estava adormecido, paralisado, machucado, conformado ou morto. São leituras que nos possibilitam pensar em outros caminhos, outras realidades, outras vidas, e... e... e...[2] Assim nos encontramos com "*Ideias para adiar o fim do mundo*". Escrito pelo líder indígena, ambientalista e escritor Ailton Krenak, o livro foi publicado no ano de 2019 pela Editora Companhia das Letras. O autor é "doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais" (KRENAK, 2019, p. 61). O livro informa que:

> Ailton Krenak nasceu em 1953, na região do vale do rio Doce, território do povo Krenak, um lugar cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia (KRENAK, 2019, p. 61).

.

[1] Resenha do livro: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

[2] Inspirado no conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2011).

Sendo uma publicação recente, seu conteúdo se mostra ainda mais atual com o início da pandemia de covid-19, atingindo todo o mundo e rompendo com as noções de segurança e estabilidade, até então vigentes. Ligando sabedorias ancestrais dos povos originários com conhecimentos antropológicos e filosóficos contemporâneos e ocidentais, o livro possibilita reflexões acerca de nós mesmos, da nossa relação com os ambientes que povoamos e as maneiras de estar na Terra.

Através de uma escrita simples, intimista e de profundidade reflexiva, Krenak pensa inicialmente na noção de humanidade, colocando-a em questionamento. "Somos mesmo uma humanidade?" (2019, p. 13). Ana Paula Valle Pereira e colaboradores (2019, p. 8) nos ajudam a também pensar na humanidade, refletindo que:

> Humanidade seria a qualidade de ser humano? Que qualidade seria essa? O que todos os humanos compartilham? Será que indígenas da América do Sul, habitantes de uma pequena aldeia em Gana, refugiados que estão em um gigantesco acampamento na fronteira do Quênia, camponeses russos, moradores de um bairro rico na cidade de São Paulo têm alguma característica especial que os reúne em uma única humanidade? Seria humanidade o agrupamento de todos os seres humanos enquanto espécie? Então humanidade é da ordem do biológico, do que está oculto dentro das nossas células? (PEREIRA et al, 2019, p. 8).

Pereira e colaboradores (2019) nos inquietam, colocando em questão o discurso de "humanidade" e dialogando com nossas leituras do livro "*Ideias para adiar o fim do mundo*". Krenak segue com suas reflexões acerca dessa dimensão do que se chama humanidade e ser humano, pensando em como instituições de relevância mundial - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Organização das Nações Unidas (ONU) e Banco Mundial - foram responsáveis pela consolidação e legitimação do modelo de humanidade vigente. Indaga o autor, seguindo-se com novas reflexões:

> Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma

> identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2019, p. 14).

O autor conta como surgiu o título do livro, advindo de uma palestra por ele proferida em um encontro sobre desenvolvimento sustentável, refletindo sobre o "mito da sustentabilidade" (KRENAK, 2019, p. 15). Este mito conecta-se com o que Shaula Sampaio (2019, p. 24) chama de "metanarrativas ambientais", instauradas discursivamente como grandes verdades nos nossos tempos. Krenak coloca em questão estas verdades pulverizadas em relação ao desenvolvimento sustentável, questionando-as.

"Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza", continua Krenak (2019, p. 15) em suas reflexões. Ao nos depararmos com essa afirmação, questionamos: Se tudo é natureza, existiria algo não-natural, artificial? Nesta natureza que tudo inclui, "as montanhas formam casais" (KRENAK, 2009, p. 16), os rios constituem famílias e outras partes do ambiente possuem vidas e personalidades. Em diálogos com antropólogos, Krenak afirma que "as pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta" (KRENAK, 2009, p. 19).

O livro reflete a distopia ser humano-natureza produzida a partir de um sistema consumista, onde as pessoas são tidas não como cidadãos, mas sim como consumidoras, "nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes" (KRENAK, 2009, p. 19). Krenak relata o distanciamento da "humanidade" para com a Terra, denunciando a maneira agressiva como as corporações vêm gradativamente destruindo a natureza e forjando ambientes artificiais, vendendo uma noção civilizatória que abstrai a diversidade, bem como a criação de ausências na modernidade.

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (KRENAK, 2019, p. 20).

A existência e permanência dos seres humanos vem deixando rastros no planeta que são categorizados como Antropoceno, período cronológico e geográfico da história da Terra em que o ser humano causou tantas modificações que marcou definitivamente o território em que vive e se prolifera. Sobre o Antropoceno, a antropóloga Anna Tsing afirma que esse termo "marca uma diferença: à medida que as infraestruturas industriais e imperiais se espalharam, os efeitos perigosos não projetados dispararam" (2019, p. 14). Já Donna Haraway aponta que talvez a marca do "Antropoceno seja a da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres" (2016, p. 2).

Este Antropoceno movimenta-se em meio a ausências e um modo de vida insustentável, que por não se sustentar, tende a cair. Para suportarmos as quedas, Krenak sugere rememorar como os povos originários lidaram com os períodos de colonização, quais manobras utilizaram e como isso pode alimentar nossas criatividades. Processos de resistências de diversos povos, que vem adiado fins de mundos. "Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair" (KRENAK, 2019, p. 21).

"O mundo do Antropoceno é cheio de coisas estranhas e surpreendentes que precisamos conhecer, e é hora de renovar nosso interesse coletivo no que está acontecendo", reflete Anna Tsing (2019, p. 18). Em tempos antropocênicos de quedas e mais quedas, também encontram-se potências de pensar em outras possibilidades de existência e, quem sabe, pensar e desejar coletivamente.

Para essa queda sem fim, Ailton sugere que se aproveite as possibilidades de construir "paraquedas coloridos" (KRENAK, 2019, p. 21). Um exemplo de paraquedas para a sobrevivência é a expansão da subjetividade, como o autor propõe para a forma que os povos originários tem feito no Brasil a séculos: "A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais" (KRENAK, 2019, p. 22). Pela diferença encontra-se territórios férteis para embrionar linhas de fuga em movimentos de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011), sendo potência para criação de outros paraquedas em tempos de quedas sem fim.

> É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado (…) Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (KRENAK, 2019, p. 23).

Krenak nos alerta para as maneiras como o Antropoceno se impõe a nós, pois "excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver" (KRENAK, 2019, p. 34). Estas formas de existência humana excluídas são marginalizadas e, quando reconhecidas, são taxadas como folclóricas de forma preconceituosa, diminuindo sua importância e possibilidade de existência. Uma obsessão ocidental pela constituição de "uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres" (KRENAK, 2019, p. 34). Estes territórios perigosos e hostis carecem de mais refúgios pois, como afirma Donna Haraway (2016, p. 2), "neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios".

O sonho é tratado como algo de grande potência pelo autor, não sendo "experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para nossas escolhas do dia a dia". Este sonho é caminho, território de locomoção que permite aprendizado e autoconhecimento, sendo também refúgio para a vida.

> Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades (KRENAK, 2019, p. 36).

Krenak segue questionando a ideia de ser humano e de sua existência, sugerindo desestabilizar essas noções, mas lembrando o abismo que isso pode se mostrar para nós. "Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a

gente já não caiu?" (p. 44), questiona. Estas quedas sem fim, mais uma vez, são caracterizadas como uma marca do Antropoceno. "O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno" (KRENAK, 2019, p. 44).

O fim do mundo que o livro se propõe a trazer ideias para adiar "talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder" (KRENAK, 2019, p. 45). Temos caído nesse fim do mundo a muito tempo, nesses atritos entre desejo, prazer, consumo, captura da subjetividade e impregnação do prazer com moralismos e culpas. Neste caos, "talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos" (KRENAK, 2019, p. 46).

A psicanalista Suely Rolnik (2018) propõe que a fuga da cafetinação do desejo, força-vital que nos movimenta, seja um caminho para uma vida mais potente. Em conexões entre os pensamentos de Rolnik e Krenak, pensamos: Como liberar o prazer nas quedas em paraquedas coloridos? De quais formas é possível descafetinizar nossos desejos, sonhos e vidas?

> Gozar sem nenhum objetivo. Mamar sem medo, sem culpa, sem nenhum objetivo. Nós vivemos num mundo em que você tem de explicar por que é que está mamando. Ele se transformou numa fábrica de consumir inocência e deve ser potencializado cada vez mais para não deixar nenhum lugar habitado por ela (KRENAK, 2019, p. 47).

Pelo gozo, tesão, desejo-liberto, viver com maior potência, mesmo em quedas. O sonho é, mais uma vez, visto como território de força e vida: "De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho" (KRENAK, 2019, p. 48). O sonho é, talvez, "outra palavra para o que costumamos chamar de natureza" (KRENAK, 2019, p. 48), que "não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente" (KRENAK, 2019, p. 48). Nas paisagens dos sonhos, talvez seja possível encontrar forças para quebrar os processos de cafetinização da vida, construindo paraquedas multicolores para quedas antropocênicas.

Novos questionamentos surgem sobre o mundo que deixamos para as futuras gerações. Uma proposta de mudança de paradigma para lidar com a natureza é sugerida: "Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo" (KRENAK, 2019, p. 49). Nesta natureza, muitas pessoas são tidas como "quase humanos" (KRENAK, 2019, p. 50), sendo povos que "insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida" (KRENAK, 2019, p. 50).

Finalizando o livro com algo que parece uma previsão do futuro próximo que nos aguardava, o autor tece paralelos entre os processos colonizatórios, epidemias e contágios mortíferos. A colonização é vista como um rastro de morte que atravessou os oceanos. Assim, nos vemos em "caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações e estamos todos jogados nesse abismo" (KRENAK, 2019, p. 50) do Antropoceno.

Em tempos pandêmicos, inspirados pelas inquietações agenciadas pelas leituras para adiar o fim do mundo, pensamos: Quais paraquedas seriam possíveis e necessários de criarmos nestes territórios tão hostis? Ainda há tempo para adiar o fim deste mundo? Será que adiar o fim do mundo poderia ser, na verdade, adiantar o fim deste mundo e pensar em criar outros mundos possíveis?

Atrelada a reflexões acerca de nossa relação com a Terra e como resistir a possíveis "finais" do mundo, percebemos que essa obra é de suma importância para revermos também nossas práticas na educação e em nossas relações com o ambiente, levando em consideração outras formas de entender, habitar e nos relacionar com a Terra, que não apenas pelos moldes ocidentais. Ir na contramão do distanciamento entre humano-natureza, nos compreender como seres vivos que atuam no mundo, interagindo com outras formas de vida e também com nossas subjetividades, sonhos e desejos. A partir destes pensamentos em nós mobilizados, *Ideias para adiar o fim do mundo* nos desloca para buscar e criar possibilidades e saídas em relação aos modelos predatórios e destrutivos instaurados no Antropoceno.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Available from: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rafa-carvalho-…e-uma-vergonha/

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, Ana Paula Valle; MARTINS, Daniel Ganzarolli; PEREIRA, Lais de Paula; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em castas do fim do mundo. **ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha** [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Available from: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ana-paula-valle-pereira-daniel-ganzarolli-martins-lais-de-paula-pereira-shaula-maira-vicentini-de-sampaio-ficcoes-no-antropoceno-sonhos-decompostos-em-cartas-do-fim-do-mundo

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Como criar uma paisagem em ruínas? Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 21, n. 1, p. 19-38, 30 abr. 2019. http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n1p19-38.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.